

FONTES DE INFORMAÇÃO E A QUESTÃO DE GÊNERO NO COTIDIANO DA MULHER (DONA DE CASA)¹

*Gisela Eggert*²

O estudo identifica e examina o acesso e uso de fontes de informação de natureza impressa, audiovisual e oral junto a um grupo de mulheres donas de casa. Verifica a possível correlação dessas fontes na construção da identidade feminina. Os dados mostraram que as mulheres como receptoras de diferentes conteúdos informacionais se representam dentro de um modelo tradicional de mulher – esposa, mãe e dona de casa.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada com mulheres donas de casa de periferia urbana do distrito de São Benedito, município de Santa Luzia, pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). A pesquisa buscou identificar as fontes de informação acessadas por um grupo de mulheres donas de casa do distrito de São Benedito, e verificar as possíveis implicações destas fontes na construção de sua identidade feminina.

1 Este artigo é baseado na dissertação defendida pela autora, para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação no Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia da UFMG, em outubro de 1992.

2 Professora do Curso de Biblioteconomia/Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Os fundamentos teóricos desta pesquisa estão em autores que privilegiam as experiências no cotidiano e autores que abordam a temática do trabalho; critério tomado para constituir-se o grupo de mulheres estudado – mulheres de mercado formal³ e informal⁴ de trabalho e mulheres do lar.⁵

A identidade, segundo Thompson (1987), se revela no fazer, já Sader (1988) afirma que os sujeitos inventam sua caminhada, isto é, sua identidade a partir de pequenas lutas diárias. Bevaux (1990), ao abordar a questão do trabalho da mulher, afirma ser este o único modo para a mulher se impor como indivíduo na sociedade. Para Arendt (1987), o trabalho assume três categorias: Labor – Trabalho – Ação. O labor tem a conotação de gasto de energia para sobrevivência, nesta categoria encontra-se o trabalho doméstico. Na categoria trabalho, o homem tem a capacidade de criar objetos de sua utilidade a partir da matéria-prima, tornando-se criador. A autora chama a atenção para o fato de que a industrialização neste século transformou o trabalho em labor. A ação (capacidade de agir ou modo de proceder) é a categoria na qual o trabalho adquire a dimensão política, oportuniza a singularidade do indivíduo, isto é, revela sua identidade.

A informação, objeto desta investigação, tem sua abordagem em autores como Eco (1976), que em seus estudos acerca da Indústria Cultural, identificou e denominou como estrutura de consolação a informação veiculada pelos produtos da comunicação de massa. De acordo com o autor, a narrativa destes produtos culturais de massa (ex. romance popular, revista em quadrinhos...) suspendem o leitor do seu *contexto* e o introduzem numa trama cuja base são dois elementos: *o real* onde estão as dificuldades com as quais o leitor se identifica, e *o fantástico* onde estão as soluções que o leitor deseja para o personagem, que em última instância no seu desejo dizem respeito a solução de seus próprios problemas. A mobilização que focaliza tensões latentes provoca empatia no leitor. A resolução dos conflitos nele anteriormente aguçados finaliza a trama de modo fantástico. Melhor dizendo é o *happy end* tão aguardado... A questão da informação busca ainda argumentos em Chauí (1986), que mos-

3 Mulheres que vendem sua força de trabalho com base na legislação trabalhista brasileira.

4 Mulheres que exercem alguma atividade autônoma que contribui para aumentar a renda familiar.

5 Mulheres que apenas têm seu tempo voltado para atividades referentes a cozinhar, lavar, passar... para a manutenção de sua família.

tra em seus estudos que a comunicação de massa é um fenômeno do princípio deste século. Esta comunicação encontra-se embasada na equação emissor – receptor. Claude Lefort citado por Chauí (1986: 31), afirma que a relação entre estes elementos na sociedade contemporânea,

“Cria um espaço sui generis... substitui o espaço social concreto, feito de divisões, diferenças, interditos e limitações, por um espaço homogêneo e transparente, aberto a todos e no qual os indivíduos privatizados e isolados ganham a ilusão de pertencer a uma comunidade – do ‘nós telespectadores’ ou do ‘nós radiouvintes’ passa-se imediatamente ao ‘nós brasileiros’ ou ‘nós mexicanos’ “.

A comunicação é aparentemente distante entre os indivíduos, tanto intelectual como geograficamente. A comunicabilidade é atravessada por uma estrutura onde existe um emissor autorizado e um receptor autorizado. O primeiro, na condição de produtor especializado, emite mensagens previamente determinadas, seja de beleza, saúde, horóscopo...; o segundo, na condição de consumidor, recebe as mensagens com direito a avaliar e interpretar o produto recebido. Os limites, porém, são estabelecidos pelo emissor.

Estudos de Bosi (1987), julgam a informação dentro da comunicação de massa de maneira irônica, afirmando que o receptor da informação é tido como um desmemoriado. Para ela, o excesso de informações satura sua fome de conhecimento, incha-o sem nutrir suas necessidades informacionais, pois não há mastigação e assimilação do conteúdo recebido.

Completando a abordagem acerca da informação, utilizou-se ainda argumentos de Andrade (1989), que compreende a informação como instrumento gerador de mudanças, quer em nível individual ou coletivo.

A questão de gênero, surgida no decorrer da pesquisa, é ainda uma abordagem recente utilizada nas ciências sociais, para estudar-se a condição da mulher na sociedade. A questão foi abordada em nível cultural. Segundo Heilborn (1990), a noção de gênero é um constitutivo da razão simbólica que não transcende de uma cultura a cultura. Sexo e gênero dentro das diferentes culturas, não são sinônimos, pois sexo é um termo referente ao biológico, enquanto o gê-

nero diz respeito à construção sócio-cultural. Deste modo, em nível de sexo temos: macho e fêmea e em nível de gênero temos: masculino e feminino.

Nesta pesquisa, utilizou-se a questão de gênero como instrumento interpretativo para compreender-se a construção da identidade feminina, a partir do acesso e uso de diferentes fontes de informação por mulheres donas de casa.

1.1 Definição dos conceitos

O conceito de informação assume nesta pesquisa uma abordagem dialética ou crítica segundo Marteleto (1987). Deste modo a informação é o registro, o fato que adquire dinamicidade através da comunicação, que vem a ser a interação de sujeitos que compartilham informações de interesse mútuo através dos diferentes suportes informacionais criados pelo homem. A informação é compreendida como um instrumento capaz de gerar mudanças, um meio que possibilita transformações tanto em nível individual como coletivo.

O termo identidade utilizado na pesquisa tem o sentido de como o indivíduo se percebe como entidade única e separada do Outro. Essa percepção de si mesmo porém, se dá dentro da relação com o Outro; no caso pesquisado, o Outro assume o caráter masculino, sendo por isto mesmo um processo histórico. O termo sujeito por sua vez é entendido nesta pesquisa como aquele que tem vontade própria.

A fonte de informação é definida como aquela de natureza impressa, audiovisual e oral. O conteúdo (significado) da fonte é tomado com o sentido de fruição e/ou informação segundo Geraldi citado por Kremer (1991).

2 Aspectos metodológicos

Os dados levantados para pesquisa acerca de fontes de informação, junto a mulheres donas de casa de periferia urbana, foram coletados (gravados) através da técnica da história de vida, de forma individual pela autora. A técnica possibilita a revelação do cotidiano, o relacionamento entre indivíduos, seus valores, opiniões e a rememoração. Como nos afirma Le Goff citado por Neves (1990) a rememoração é a própria identidade tanto a nível individual como coletivo.

O local pesquisado situa-se na zona metalúrgica do Estado de Minas Gerais, distante da capital mineira, em linha reta, 19 Km, no sentido N.N.E. O Distrito na sua formação tem como características as marcas do modelo excludente dos benefícios provenientes do processo de desenvolvimento das metrópoles brasileiras. A justificativa para a escolha do Distrito de São Benedito está fundamentada no fato de que a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais atende esta comunidade através do carro biblioteca, julgando-se este um elemento facilitador de aproximação, obtenção e de devolução das informações.

A coleta de dados foi realizada num período de sete meses, agosto de 1991 a março de 1992, compreendendo diferentes etapas. Na primeira etapa, foram levantados dados junto ao órgão de planejamento da cidade de Belo Horizonte necessários ao conhecimento do local a ser pesquisado. Posteriormente foram realizados contatos com as lideranças locais, e através do presidente da sub-prefeitura do Distrito se obteve uma lista das Associação de Moradores. A escolha e composição do grupo de mulheres investigado se baseou em características ocupacionais da mulher, isto é:

- Mulher dona de casa do lar;
- Mulher dona de casa atuante no mercado informal de trabalho,
- Mulher dona de casa inserida no mercado formal de trabalho.

A última etapa consistiu em contactar o sujeito da pesquisa para obter seu consentimento e participação na pesquisa. O grupo pesquisado é composto por catorze (14) mulheres:

- Cinco (5) mulheres donas de casa do lar,
- Cinco (5) mulheres donas de casa do mercado informal de trabalho e
- Quatro (4) mulheres do mercado formal de trabalho.

3 Resultados

O grupo de mulheres pesquisado citou um total de cento e quinze (115) fontes de informação sendo estas de natureza impressa, audiovisual e oral. A FIG. 1 mostra o total de fontes identificadas.

Os dados que seguem mostram como este grupo de mulheres donas de casa se manifestou em relação às fontes impressas, audiovisuais e orais, tanto em nível quantitativo como qualitativo.

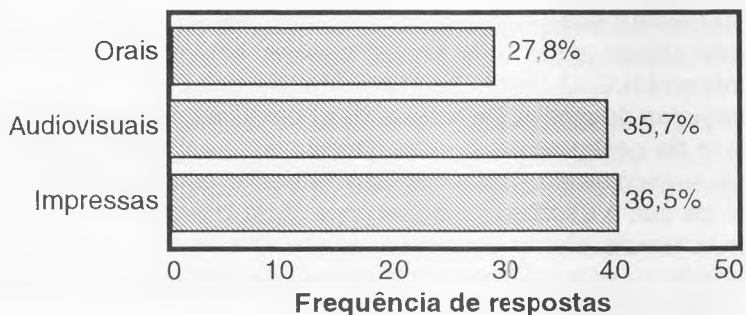


FIGURA 1 - Fontes de fruição e/ou informação citadas pelo grupo de donas de casa do distrito de São Benedito (BH-MG), em percentagens (n = 115)

3.1 Fontes impressas

A Figura 2 mostra que do total das fontes citadas 42 (36,5%) foram de natureza impressa. A análise dos resultados por subgrupo,

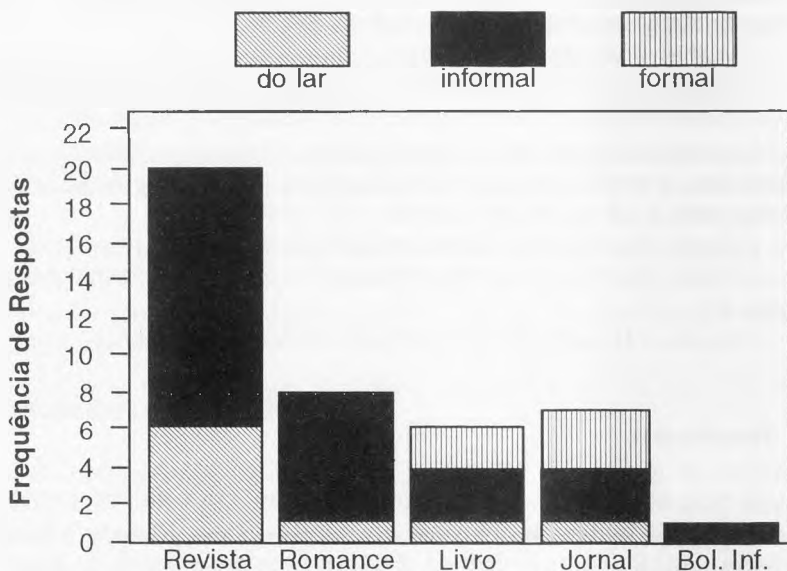


FIGURA 2 - Fontes impressas de fruição e/ou informação citadas pelo grupo das donas de casa, em percentagens (n = 42).

BOLETIM INFORMATIVO: criado e produzido pela Ass. Ccm. do Bairro Baronesa, circula somente neste local.

ROMANCES POPULARES: Bianca, Júlia, Barbara Kartland.

mostra que as mulheres do mercado informal de trabalho citaram 28 (66,6%), as mulheres donas de casa do lar citaram 9 (21,4%) e as mulheres do mercado formal de trabalho citaram 5 (12,0%) dessas fontes. É possível verificar que as mulheres vinculadas legalmente ao mercado de trabalho citaram o menor número de fontes impressas. A constante afirmativa de “falta de tempo” nos seus depoimentos mostra como a dupla jornada de trabalho influi na oportunidade de acessar essas fontes de informação.

As fontes impressas mais citadas são as revistas e os romances populares (Bianca, Júlia...). A categorização das revistas mostrada na FIG. 3 evidencia o interesse de leitura deste grupo de mulheres por revistas de natureza sentimental (fotonovelas), informativas (Família Cristã, Veja) e eróticas (não foram citados títulos). A freqüente citação de revistas informativas verificada nos depoimentos mostra como estas mulheres tornam práticas as suas leituras, afirmando-se como sujeitos de vontade própria que determinam suas possibilidades.

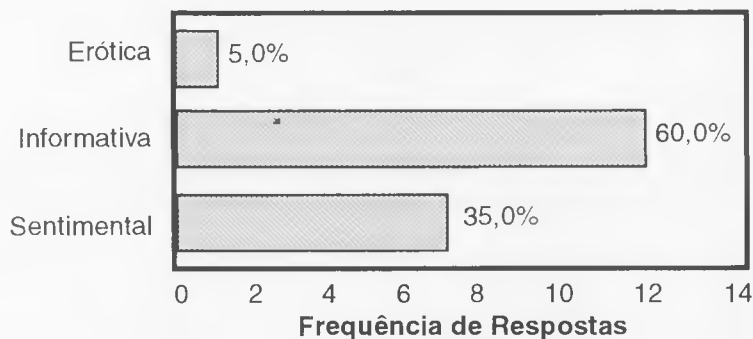


FIGURA 3 - Revistas citadas segundo tipo, em percentuais (n = 20)
 REVISTA INFORMATIVA: Pais e Filhos, Família Cristã, Cláudia - casa e cozinha, Veja, Manchete, Semanário.
 REVISTA SENTIMENTAL: Carícia, Contigo, Capricho, Sétimo Céu.

**“Com a leitura eu fui aprendendo a me controlá
 mais, que eu era muito nervosa e com a leitura aprendi
 que a vida é difícil prá todo mundo. Lendo aprendi a
 economizá minha cozinha...”**

Quando as mulheres falam acerca da leitura das revistas sentimentais e romances populares, é possível verificar que este tipo de

leitura transporta-as de seu cotidiano real, para um mundo agradável e fantasioso. Os depoimentos mostram os artifícios dos produtos da Indústria Cultural citados por Eco (1976), denominados estruturas de consolação.

“... me entusiasmo muito por romance, adoro romance, toda a vida até hoje pra pegá um livro de romance, eu tenho de terminá de lê... eu fico só fantasiando naquela história ali, é incrível né! eu acho lindo, bonito sabe, Bárbara né, eu adoro as histórias dela. Bárbara Cartland é um dos romances mais bonitos”

Uma das entrevistadas ao abordar as fontes impressas cita o uso de revistas eróticas, no depoimento porém não cita títulos, apenas se refere às revistas eróticas como “aqueles outros tipos de revistas”, traduzindo um conceito de identidade de gênero em nível cultural, na medida em que oculta o tipo de fonte de informação a qual freqüentemente utiliza. Em outras palavras, em sua compreensão não convém às mulheres este tipo de leitura, consagrada porém com naturalidade ao gênero masculino.

“Eu não leio. Como eu disse eu só leio aqueles outros tipos de revistas, dificilmente eu pegá qualquer coisa pra mim lê”

O jornal é apontado como fonte de leitura, principalmente pelas mulheres do mercado formal e informal de trabalho, mostrando que estes 2 subgrupos têm maior contato com este tipo de fonte. Isto se deve certamente ao fato destas mulheres transitarem com maior freqüência no espaço urbano, bem como ao acesso à leitura do jornal no próprio local de trabalho como relatado em seus depoimentos. Analisando os conteúdos de seus depoimentos, é possível verificar o que e como estas mulheres vivenciam os conteúdos veiculados por esta fonte de informação.

“Eu leio, Estado de Minas, mais o Estado de Minas, Porque o Estado de Minas é composto ali de coisas da semana toda... Eu gosto de lê assim sobre o andamento do País né... porque é a única coisa assim que me põe mais por dentro e tô sempre buscando algo assim,

nesse sentido na minha vida, no dia a dia, na Associação Comunitária né... Eu tenho que tá por dentro de alguma leitura né!..."

"Eu leio muito pouco, sei lá por exemplo, lê mais é, assim olhá mais os interesse da gente, por exemplo, jornal só isso. Também não interessa muita coisa também"

O interesse de leitura difere de um sujeito ao outro, buscam porém, filtrar elementos de significados concretos para a resolução dos problemas do seu cotidiano. O depoimento de uma das mulheres nega a busca deste tipo de fonte, e mostra ainda que a informação é produzida segundo as classes.

"Lê jornal não gosto, ... o que tem na sociedade não me interessa. Porque pra mim lá é pior que aqui. A sociedade é pior que a classe média, classe baixa. Então pra mim não me interessa, são assuntos que não tem nada a vê comigo, com minha vida."

3.2 Fontes audiovisuais

A análise dos dados revelou que o grupo de mulheres estudado, citou um total de 41 (35,7%) fontes de natureza audiovisual. Os resultados mostram que o subgrupo de mulheres donas de casa citou 15 (36,3%), o subgrupo de mulheres do mercado informal de trabalho citou 11 (28,6%) dessas fontes (FIG. 4).

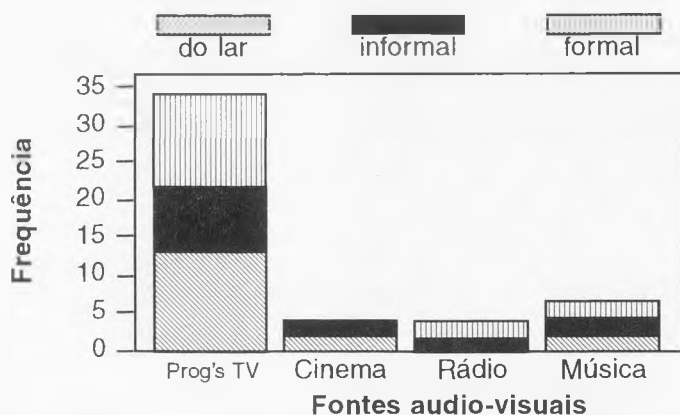


FIGURA 4 - Fontes audiovisuais de fruição e/ou informação citadas pelas donas de casa, em percentuais (n = 41).

Os programas de televisão, como as telenovelas e o telejornal, foram as fontes audiovisuais mais freqüentemente mencionadas pelos subgrupos das mulheres donas de casa-do lar e as mulheres inseridas no mercado de trabalho (FIG. 5).

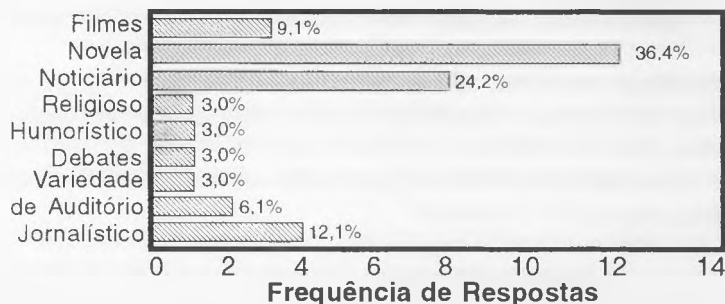


FIGURA 5 - Programas de TV de fruição e/ou informação citados pelo grupo de donas de casa, em percentuais (n = 33).

DEBATES: Sem censura (TVE) seg. a sex. 16 h.

JORNALÍSTICO: Fantástico (TV Globo) dom. 20 h/Documento Especial (TV Manchete) sex. 22h e 30 min.

VARIADADES: Hebe (SBT) terça-feira 22h e 30 min.

DE AUDITÓRIO: Sílvio Santos (SBT) dom. 11 h e 30 min. a 22 h./JORNAL DO BRASIL, 1991)

A constante negação nos depoimentos acerca da utilização das telenovelas como fonte de informação e/ou fruição nesta pesquisa, contrapõe-se aos dados levantados por Leal (1990), acerca de telenovelas no Brasil mostrando que as classes populares valorizam intensamente este produto da indústria cultural. No entanto uma análise quantitativa dos depoimentos mostra que o grupo estudado utiliza com frequência a telenovela como fonte de informação e/ou fruição, o que está de acordo com os dados de Leal (1990). Nos depoimentos é possível perceber a valorização deste produto da indústria cultural, evidenciando o papel de estrutura de consolação (Eco, 1987).

“Televisão eu não assisto. Novela geralmente eu não gosto muito de assisti não, se eu assisto geralmente é a novela das oito que passa na Rede Globo”.

“... o que eu gosto de vê é novela (risos) realmente duas novelas que comecei de início e tô até o final, tô assistindo duas novelas – Rosa Selvagem e Ana Raio. A novela pra mim acho assim muita vaidade, assim

muitas coisas assim que não é real o que acontece na novela né!...”

“O que eu faço, eu faço questão de vê mesmo, é novela... novela é uma coisa assim que eu não sei como explicá. Parece que a gente fica com aquele entusiasmo, aquela esperança que acontece uma coisa sabe! não tem porquê mesmo que eu assisto novela...”

Neste último depoimento percebemos como a telenovela tem importância enquanto objeto de sedução por este produto da Indústria Cultural. Alguns depoimentos mostram que as mulheres emitem julgamentos quanto as mensagens veiculadas nas telenovelas. As críticas estão fundamentadas e elaboradas a partir de suas experiências e valores como nos ensina Thompson (1987).

O telejornal, a segunda mais importante fonte audiovisual citada, é compreendida por essas mulheres como forma de ruptura do cotidiano, veiculador de violência e ainda em alguns depoimentos constatou-se a identidade de gênero para esta fonte.

“... eu não ligo muito pra novela não, eu gosto do jornal. De filme eu não ligo não, sou mais da parte de jornal né! que ele (marido) não gosta muito não. Ele gosta mais da novela, é trocado. Porque mulhé gosta de novela e homem de outra coisa... eu do jornal porque é melhor sabe! a gente fica por dentro de casa, não sabe que tá passando pelo lado de fora né! pela rua. Então já a gente sabe pelo menos um pouquinho”.

“Agora jornal eu gosto de assisti. Se bem que ultimamente eu sou da opinião que a televisão tá estragando o mundo. Não tá ajudando em nada...”

“... Não que eu seja assim ignorante, assim contra o progresso, mas a televisão tá atrapalhando passando essas notícias e esses negócios dos trombadinhas na cidade... eu acho que a culpa é muita da televisão, é muita violência pras crianças que assiste...”

3.3 Fontes orais

A fonte oral é aquela que não sofre nem um tipo de registro, quer

de natureza impressa ou audiovisual. Esta fonte "é a experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta" (Bosi, 1987: 42). A comunicação oral, lembra Polke (1982), é significativa para as camadas populares na obtenção de informação que seja utilitária, de lazer ou mesmo de instrução.

As fontes orais foram divididas em fontes *orais públicas* e fontes *orais privadas*, estas últimas são apreendidas nesta pesquisa como fontes restritas ao círculo familiar. A figura 6 mostra que 32 (27,8%) das fontes citadas foram de natureza oral pública. O subgrupo das mulheres do mercado informal citaram 17 (53,0%), o subgrupo de mulheres do lar citaram 8 (25,0%) e o subgrupo de mulheres do mercado formal de trabalho citaram 7 (21,9%) dessas fontes. Tanto os dados como os depoimentos mostram que as mulheres do mercado formal de trabalho vivem mais limitações quanto ao acesso e uso dessas fontes.

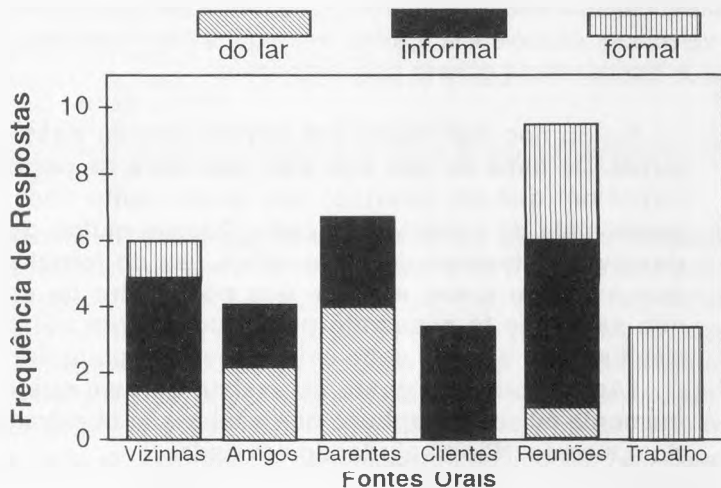


FIGURA 6 - Fontes orais públicas de fruição e/ou informação citadas pelo de donas de casa, em percentuais (n = 32).

Utilizando o recurso de categorizar as fontes orais públicas (FIG. 7), constatou-se que as reuniões são importantes fontes para este grupo de mulheres. As reuniões caracterizam-se por cursos diversos, movimentos populares, grupos de alcoólicos e movimentos religiosos. Entretanto, as reuniões comunitárias foram o tipo de fonte oral pública mais citada.

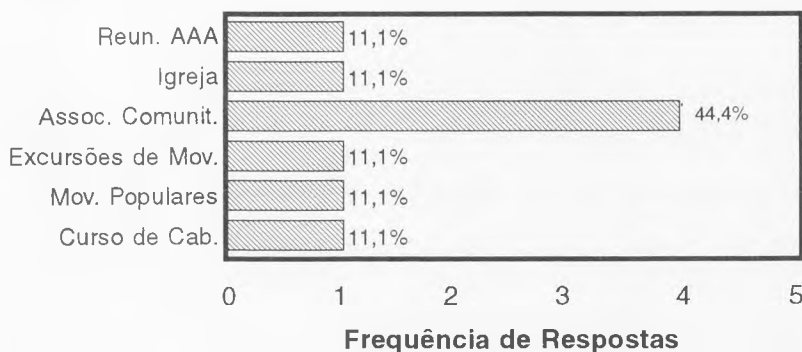


FIGURA 7 - Grupos de reuniões de fruição e/ou informação citadas pelas donas de casa, em percentuais (n = 9).

Nos depoimentos acerca da fonte oral, fica evidente que a fonte denominada como vizinhas funciona como veículo de informação, distração/lazer. A fofoca, fonte de informação, como nos mostra o depoimento que segue, traduz uma identidade de gênero. Isto é, a fofoca é condição *sine qua non* na construção da identidade social da mulher.

“Trocamos fofocas, só nossas. Temos sim! qual a mulher que não fofoca? só nossas sabe, que se a gente sabe de alguma coisa, a gente conta uma prá outra, a outra conta prá outra...”

As fontes de informação e/ou fruição de natureza oral privada são aquelas vividas no âmbito familiar, denominadas neste estudo como fontes de gênero. O emissor desta fonte é tido como o marido, filhos ou parentesco. A TAB. 1 mostra os conceitos transmitidos e vivenciados através deste tipo de fonte nas relações familiares em seu cotidiano. A categorização dos depoimentos mostra que esse grupo de mulheres representam-se com conceitos estereotipados, como Barrantes (1988) constatou num estudo com mulheres na Costa Rica.

TABELA 1 Conceitos veiculados através das fontes orais privadas a nível das relações familiares (N = 55).

Categorias	%
1 Obediência à autoridade masculina	12,7
2 Representações estereotipadas do conceito de mulher	21,8
3 Categorização de atividades inerentes ao masculino e feminino	5,5
4 O gênero masculino é mais experiente para a vida, o que o torna superior	1,8
5 Lazer é condição implícita ao masculino	3,6
6 O masculino é tomador de decisões	9,0
7 Educação e cuidado dos filhos é obrigação e condição da mulher	10,9
8 Ser mãe é condição "natural"	7,3
9 O projeto de Vida é o Outro	12,7
10 Fontes de fruição e/ou informação diferentes para o gênero masculino e feminino	3,6
11 Liberdade sexual condição inerente ao masculino e vigiada ao feminino	10,9
Total	100,0

A obediência ao gênero masculino é marcante, a educação dos filhos é obrigação inata à mulher. A liberdade sexual é valor atribuído com naturalidade ao gênero masculino e vigiada à mulher.

A Tabela 2 mostra como essas mulheres se representam no âmbito familiar quanto ao seu trabalho e seus afazeres domésticos. Assim, o trabalho doméstico é obrigação inquestionável a essas mulheres. Buscam sempre em outras mulheres (filha mais velha, cunhada...) o auxílio necessário. A divisão de afazeres domésticos com o homem é percebida como trabalho excepcional, não cabendo a ele tais tarefas.

TABELA 2 Conceitos percebidos e verbalizados pelo grupo de mulheres quanto ao trabalho doméstico e o trabalho de mercado (N = 39).

Categorias	%
1 Trabalho doméstico é obrigação "natural" da mulher	35,8
2 Trabalho doméstico quando realizado pelo gênero masculino tem caráter de excepcionalidade	20,5
3 Trabalho doméstico é dividido com uma mulher	17,9
4 Trabalho (remunerado) é percebido como secundário/complementar	15,5
5 Trabalho (remunerado) é percebido como meio de sobrevivência e também como satisfação pessoal	10,3
Total	100,0

A tabela mostra ainda que essas mulheres vêm seu trabalho remunerado como secundário, dado que vem ao encontro de outras pesquisas como Pena (1981), Neves (1983) e Aguiar (1984).

3.4 A cadeia das fontes de informação

A leitura sistemática da História de Vida desse grupo de mulheres mostrou que estas vivenciam uma *cadeia de fontes de informação*. A palavra cadeia sugere um conjunto de fatos ou fenômenos que ocorrem de maneira interligada. O modelo apresentado na figura 8 compõe-se de dois elementos básicos: o emissor x receptor. O núcleo receptor no modelo é a mulher, e o emissor é entendido aqui como as diferentes fontes de informação que essas mulheres acessam no seu dia-a-dia. O modelo apreendido e estruturado a partir dos depoimentos das mulheres, mostra que as fontes do gênero são as mais próximas como também as mais significantes em termos subjetivos.

A figura masculina, na qualidade de marido, pai, irmão... é a principal fonte de gênero. Essa fonte tem o papel de formadora de conduta e limitadora de ações. Nas palavras de Barrantes (1988), as

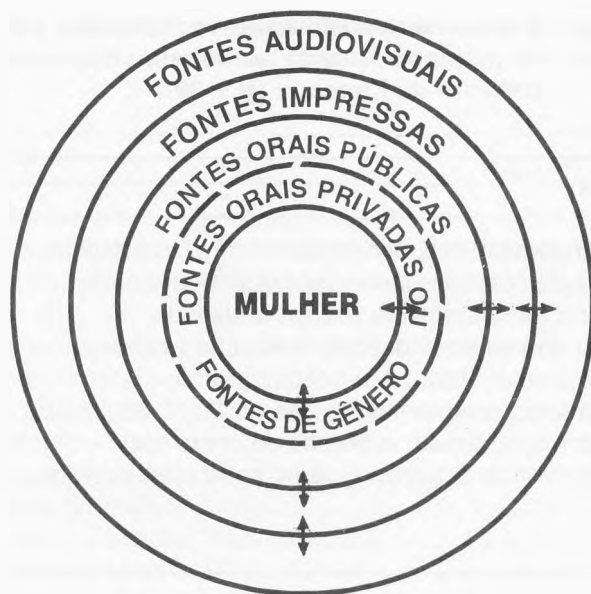


FIGURA 8 - A cadeia de fontes de fruição e/ou informação

verbalizações ao nível das relações familiares, desde a mais tenra idade ciosamente tecem ações e comportamentos a serem vividos. Através dos depoimentos percebe-se que há também conceitos patriarcais nessas fontes.

“Depois que eu casei não trabalhei mais fora, porque ele não deixava. Dizia que mulhé que trabalha fora acaba inventando moda, que isso é coisa de prostituta, que trai marido, que mulhé casada tem que trabalhá pro marido sabe!”

“No começo ele implicava com esse trabalho, por ter que sai todo dia sabe! ele começõ a implicá. Eu mecei ai sai levando ela (filha caçula) mesmo assim não resolveu muito bem. Ai foi aquela implicância tão grande que eu peguei falei, vô pará com isso. Mas eu não costumei sem meu trôco, não, aí conversei com e ele viu também eu tava precisando fazê meus bicos...”

“ (...) pra mim trabalhá fora foi uma briga, achava

(ele) que o lugá da mulhé era só na cozinha esquentando barriga no fogão e esfriando ela no tanque sabe!... tem muita gente, marido, que mulhé começa a trabalhá fora, começa a traí homem..."

As outras fontes constantes no modelo desempenham funções de fruição/informação no cotidiano dessas mulheres como mostraram alguns depoimentos. As fontes impressas e audiovisuais de cunho sentimental cumprem o papel de consolação.

Um segundo papel pode ser atribuído às fontes impressas de fruição e/ou informação como aquele apontado por Buitoni (1984: 144), num estudo acerca do papel da imprensa feminina no Brasil. No estudo, esta autora conclui que a mulher dentro da imprensa feminina sempre é tratada dentro de uma configuração tradicional – esposa, mãe e dona de casa. *"De papel em papel, a imprensa feminina brasileira colabora para a mitificação e mistificação do ser feminino, ajudando a manter os padrões"*.

As fontes audiovisuais, como os programas de televisão e noticiários não fogem a regra mostrada por Buitoni (1984). Apesar desta questão não ficar clara para esse grupo de mulheres, podemos constatar através de seus depoimentos que as fontes tanto audiovisuais como também as impressas desempenham o papel de reafirmação de estereótipos de gênero, assim como as fontes orais públicas também podem ser incluídas.

Reelaborando de modo sucinto o modelo proposto, podemos estabelecer um quadro do papel das diferentes fontes de fruição/informação no grupo estudado (QUADRO 1).

FONTES	PAPEL
Fontes orais pública, impressas, audiovisuais	CONSOLAÇÃO REAFIRMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS
Fontes orais privadas ou de gênero	FORMAÇÃO DE CONDUTA LIMITAÇÃO DE AÇÕES

Quadro 1 Papéis desempenhados pelas diferentes fontes de informação identificadas junto ao grupo de mulheres donas de casa do distrito de São Benedito.

A disposição das fontes no modelo, não sugerem posições estáticas, entendendo que essas fontes são complementares umas às outras. No que se refere às *fontes de gênero*, outras pesquisas nesta linha poderiam mostrar, com mais profundidade, quais seriam os principais conteúdos e sua força de persuasão veiculados por estas fontes. A informação como se constatou nesta pesquisa é produzida segundo a classe a que se destina, assim poder-se-ia questionar se o conteúdo das *fontes de gênero* seriam os mesmos ou não entre uma classe e outra. O depoimento dessas mulheres mostrou que o principal emissor das fontes de gênero neste estudo é o gênero masculino. Quais seriam então os principais conteúdos e meios que tecem a construção deste emissor? Uma outra questão sem resposta é: as mulheres urbanas e rurais estão sujeitas às mesmas fontes de gênero?

No decorrer da pesquisa fica evidente a importância do insumo informação, como fator de mudança da condição da mulher na sociedade. Isto é, faz-se necessária uma reflexão maior que venha a aprofundar o conhecimento das especificidades da informação vivida pelas mulheres da classe popular brasileira e latino-americana, ou melhor dizendo na percepção e representação que as mulheres fazem de si e de seu estar no mundo.

4 A importância de trabalhar a informação com mulheres

No decorrer da análise dos dados desta pesquisa, foi possível observar como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação brasileira estão distantes do sujeito-mulher no que tange às suas necessidades informacionais.

As bibliotecas públicas, que se concebem como depositárias do saber e democratizadoras dos conhecimentos acumulados, deveriam estar mais próximas e atuantes junto ao universo da mulher. No entanto, em suas linhas de atuação, bem como na constituição de acervos, usam a fórmula homogênea da comunicação de massa, apontada por Eco (1976) como "sincretismo homogeneizado" ou melhor dizendo, não há uma preocupação em diferenciar as necessidades informacionais segundo cada grupo alvo. Os interesses dos usuários são reduzidos a uma média padrão. Os produtos e serviços da biblioteca pública brasileira traduzem a ideologia do liberalismo, que trata as sociedades como homogêneas, estas não se constituem por classes, e portanto as oportunidades estão ao alcance de todos.

Nesta lógica a informação é privilégio de todos.

A prática da biblioteca pública brasileira, resulta em pouca ou nenhuma utilidade para os setores mais pobres e marginalizados da população, tendo em vista primeiramente que seu acervo se constitui essencialmente de textos escritos, enquanto 30% da população brasileira é analfabeta e um grande número é semi-alfabetizada. Acrescente-se a isso, os horários inócuos de funcionamento e a localização destas bibliotecas que não privilegiam estas categorias da população.

Algumas bibliotecas públicas no entanto durante a década de 80 fizeram algum esforço no sentido de romper essas barreiras e destacaram-se pela abordagem nos serviços prestados como mostra a literatura da área (Andrade, 1989). Nesse sentido, podemos constatar que a biblioteca pública brasileira, enquanto instituição reconhecida socialmente, deveria ter um papel mais atuante junto à mulher, adotando uma postura que incorpore o sujeito-mulher no âmbito da prestação de seus serviços. Tratar a mulher dentro de um segmento específico numa dada população é observar a sua diversidade dentro deste grupo. Esse poderia ser um primeiro passo nessa nova postura. Além disto, abordar em pequenos grupos de trabalho com mulheres, nas bibliotecas ou serviços de informação, a problemática da divisão sexual do trabalho no círculo familiar, bem como trabalhar criticamente os conteúdos tradicionais existentes nos diferentes bens culturais oferecidos por estas instituições.

Um outro aspecto que emergiu na pesquisa, é a questão do pouco valor dado às fontes orais pela biblioteca pública e outros serviços que tem como objetivo trabalhar com mulheres. A documentação de experiências vividas, nos afirma Bosi (1987), tem sentido histórico e, por isto, poderia servir como troca de elementos vividos entre um grupo e outro ou ainda entre sujeitos. As experiências uma vez documentadas poderiam ainda servir como fonte para organização de grupos de discussão ou como motivação para tal. Os espaços já organizados e freqüentados por mulheres, como os serviços de extensão das bibliotecas públicas, associações de bairros etc., deveriam ser utilizados como locais estratégicos, para levantar-se debates acerca da condição da mulher no Brasil e na América Latina.

No tocante a comunidade pesquisada onde a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, através do serviço de extensão, atende a comunidade, poder-se-ia levantar estudos a partir dos empréstimos preferenciais e deste modo organi-

zar debates acerca dos conteúdos ideológicos com o usuário-mulher. Por outro lado, a Escola de Biblioteconomia como formadora de profissionais de informação deve buscar no intercâmbio com outras áreas (sociologia, psicologia, antropologia...) metodologias para melhor (re)conhecer seus usuários de informação.

Ser um fiador da informação no sentido de construir-se junto com o sujeito as necessidades informacionais capazes de trazer novos horizontes/mudanças. Esse deve ser o papel do profissional da informação envolvido com setores populares. Nesse sentido a constatação da *questão de gênero* nas diferentes fontes de informação acessadas por estes grupo de mulheres donas de casa, é o ponto de partida para se trabalhar informação com homens e mulheres. A investigação das fontes de gênero se dá dentro de uma compreensão maior, isto é, dentro das relações de gênero existentes na sociedade. Neves (1990) afirma que "*é preciso ter como horizonte cada vez mais profundo o estudo do discurso e das práticas femininas e masculinas*".

Esta pesquisa conclui que investigar a informação sob o contexto da *questão de gênero* pode ser o início para desestruturar-se a valorização da superioridade masculina infiltrada nas diversas formas de socialização.

É necessário um novo modelo de sociedade, onde os gêneros se façam presentes no desenvolvimento dos sujeitos sociais, dividindo-se deste modo, as responsabilidades por igual. Isto, evidentemente implica num novo modelo político, econômico e social, mais claramente num equilíbrio entre o espaço Público e o Privado.

Information Sources and Gender Question in the Daily Routine of Women Housewives.

The survey identified and examined the access and uses of printed, audio-visual and oral information sources among a group of housewives. It verifies the possible correlation of these sources in the formation of the female identity. The study concluded that these women as receptors of different information contents are represented within a traditional female standard.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AGUIAR, N. (coord.). *Mulher na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. 284 p.
- ANDRADE, A. M. C. *Um novo texto no contexto da informação popular: os centros de documentação e comunicação*. São Paulo, 1989. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes/USP. 202 p.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 338 p.
- BARRANTES, J. M. Socialización y esteriotipos sexuales en Costa Rica. *Ciencias Sociales*, n. 39, p. 29-45, 1988.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2 v.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 188 p.
- *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. 1987. 402 p.
- BUITONI, D. H. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981. 150 p.
- CHAUÍ, M. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ECO, U. *Apocalípticos e intergradados*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 391 p.
- HEILBORN, M. L. O gênero e a especificidade da condição feminina. In: *SEMINÁRIO MUJER Y CLASSE*, 1990.
- KREMER, J. M. Leitura dos alunos de graduação em Biblioteconomia. *R. Esc. Biblioteconomia UFMG*, v. 20, n. 1, p. 67-99, jan./jun. 1991.
- MARTELETO, R. M. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? *Ciência da Informação*, v. 16, n. 2, jul./dez. 1987.
- NEVES, M. M. B. A. *Condição feminina – condição operária: um estudo de caso sobre operárias textéis*. Belo Horizonte, 1983. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Políticas/UFMG.
- *As trabalhadoras de Contagem: uma história uma outra história*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. 441 p.
- PENA, M. N. J. *Mulheres trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 227 p.
- POLKE, A. M. Biblioteca, comunidade e informação utilitária: um estudo de como circula a informação utilitária no Bairro da Pompéia em Belo Horizonte. In *CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 11., 1982, João Pessoa (PB). Anais... v.1, p. 131-159.
- SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 329 p.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

LEGENDAS

FIGURA 1 – Fontes de fruição e/ou informação citadas pelo grupo de donas de casa do distrito de São Benedito (BH – MG), em percentagens (n = 115).

FIGURA 2 – Fontes impressas de fruição e/ou informação citadas pelo grupo das donas de casa, em percentagens (n = 42).

BOLETIM INFORMATIVO: criado e produzido pela Ass. Com. do Bairro Baronesa, circula somente neste local.

ROMANCES POPULARES: Bianca, Júlia, Barbara Kartland.

FIGURA 3 – Revistas citadas segundo tipo, em percentuais (n = 20)

REVISTA INFORMATIVA: Pais e filhos, Família Cristã, Cláudia-casa e cozinha, Veja, Manchete, Seminário.

REVISTA SENTIMENTAL: Carícia, Contigo, Capricho, Sétimo Céu.

FIGURA 4 – Fontes audiovisuais de fruição e/ou informação citadas pelas donas de casa, em percentuais (n = 41).

FIGURA 5 – Programas de TV de fruição e/ou informação citadas pelo grupo de donas de casa, em percentuais (n = 33).

DEBATES: Sem censura (TVE) seg. a sex. 16 h.

JORNALÍSTICO: Fantástico (TV Globo) dom. 20 h. Documento especial (TV Manchete) sex. 22 h. e 30 min.

VARIÉDADES: HEBE (SBT) terça-feira 22 h. e 30 min.

DE AUDITÓRIO: Silvio Santos (SBT) dom. 11 h. e 30 min. a 22 h. (JORNAL DO BRASIL, 1991)

FIGURA 6 – Fontes orais públicas de fruição e/ou informação citadas pelo grupo de donas de casa, em percentuais (n = 32).

FIGURA 7 – Grupos de reuniões de fruição e/ou informação citadas pelas donas de casa, em percentuais (n = 9).

FIGURA 8 – A cadeia de fontes de fruição e/ou informação.